

A VIDA COMO OBRA DE ARTE

Stela Maris da Silva¹

RESUMO: O artigo objetiva, a partir do pensamento de Michel Foucault, considerar a problemática da constituição do sujeito e, sobretudo, o privilégio da ética no processo de subjetivação em função de uma estética da existência. Aponta ainda que o sujeito de desejo, quando tem domínio de si, desenvolve uma arte da existência, determinada pelo cuidado de si. Hoje o indivíduo, limitado pelos domínios do saber constituído pelos jogos de verdade e dispositivos de poder, teria possibilidade de escolhas pessoais, considerando a vida como obra de arte.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Estética da Existência ; Cuidado de Si.

INTRODUÇÃO

Michel Foucault, situado na França do século XX produziu uma obra com marcas da cultura européia contemporânea. Estudou uma multiplicidade de temas, localizados no espaço e no tempo, em três diferentes eixos: um eixo epistemológico (cujos temas são: saberes e verdade), um segundo eixo político (com o tema: poder) e um terceiro eixo ético (com o tema: sujeito ético).

Ele buscou, na moral greco-latina e em estudos de algumas tecnologias do eu, onde são encontrados elementos que permanecem na moral moderna, os temas do “cuidado de si” e do “uso dos prazeres”, estudando os jogos de verdade na relação de si para si, e a constituição de si mesmo como sujeito. Ou seja, fez um deslocamento histórico, para observar a possibilidade de constituir-se como sujeito de outro modo, sem os mecanismos disciplinares, e a partir daí pensar a atualidade, pensar uma Estética da Existência.

A busca de estilos de existência tão diferentes uns dos outros como seja possível me parece um dos pontos, graças aos quais a investigação contemporânea se pode inaugurar na Antigüidade, em grupos singulares. A busca de uma forma de moral que seja aceitável para todos – no sentido de que todos devam submeter-se a ela – parece-me catastrófica. (FOUCAULT, 1994 b, 706)

¹ Doutoranda em Filosofia. Professora da Faculdade de Artes do Paraná; Membro da Equipe de Gestão de Ensino, na área e Filosofia e Sociologia do NRE –Paranaguá, da SEED.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

Para Foucault, a ética é um modo de o indivíduo relacionar-se consigo. Então, cabe perguntar, do ponto de vista prático, como se constitui o indivíduo como sujeito moral de suas ações, a sua aceitação da diversidade, dos fundamentos como móveis e modificáveis, enfim, pensar a ética como criação de, e a partir da liberdade, pensar o indivíduo como obra de si mesmo. Contudo, para Foucault, a liberdade é um processo complexo engendrado pela reflexão, prática e atitude, é condição da estética da existência. A crítica é o componente da estética da existência para levar tão longe quanto possível o trabalho da liberdade (FOUCAULT, 2000, p. 348).

Inúmeras são as possibilidades de estudos que a obra de Michel Foucault suscita. Então, para estudá-la, há necessidade de escolhas, e de demarcações. A problemática da constituição do sujeito e, sobretudo, o privilégio da ética no processo de subjetivação em função de uma estética da existência, é uma escolha que fazemos para tratar neste artigo. Para tal escolha foi preciso optar pelo conjunto de textos da última fase (1978-84) dos escritos de Foucault.

NA ANTIGÜIDADE CLÁSSICA O VALOR MORAL DO CUIDADO DE SI

Em *O uso dos prazeres* (mundo grego do século IV a.C.), e *O cuidado de si* (mundo greco-romano do século II d.C.), volumes 2 e 3 respectivamente da *História da sexualidade*, Foucault fez história do pensamento, não história de costumes, de comportamentos, mas uma história das problematizações do prazer, do desejo e dos comportamentos sexuais, procurando compreender porque questões relacionadas ao sexo passaram a ser objeto de preocupação moral. Nessa discussão, Foucault apresentou a noção de estética da existência ou “arte de si”.

No volume 2, ele tratou da história da ética sexual analisando como foram problematizados os elementos constitutivos da ética (substância ética, modo de sujeição, trabalho ético e teleologia) relacionando-os à maneira pela qual foi problematizada a austeridade sexual das práticas que davam forma à conduta do sujeito moral. Tendo domínio da Dietética (relação com o corpo – saúde – jogo da vida e da morte), da Econômica (relação com o outro sexo – esposa – relações familiares), da Erótica (relação com o seu próprio sexo – parceiros – ajustamento entre papéis sociais e papéis sexuais) e da Ascética (relação com a verdade – condições espirituais – acesso à verdade), os indivíduos se autoconstituíam estilizando sua existência.

O domínio atingido do sujeito moral seria expresso como domínio sobre si, tanto no modelo de vida doméstica como no modelo da vida pública, onde o essencial seria a constituição da autoridade no governo de si, na administração da casa e no governo da pólis. Esta forma ativa de domínio de si tinha a *sophrosyne* como objetivo, ou seja, governar desejos e prazeres para alcançar a liberdade e o conhecimento. Liberdade de poder que se exercia sobre si, e poder que se exercia sobre os outros. O cuidado de si era a condição para não se tornar escravo dos seus desejos, sendo, portanto a própria liberdade individual. A liberdade individual e até civil foi problematizada pelos gregos como ética (*ethos*), sendo uma tarefa política.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

Na Antigüidade clássica o valor moral do domínio de si é também um valor estético. A liberdade manifesta a vida como obra. O regime físico dos prazeres e a economia que se lhes impõe faz parte da arte de si. É no domínio de si que o sujeito mostra-se em relação a si mesmo. O sujeito de desejo quando tem domínio de si, desenvolve uma arte da existência, determinada pelo cuidado de si. As *tekhnai*, ou artes da existência são referências para as análises que demarcam uma linha entre a razão e o saber, onde esta o domínio da estética. Foucault interroga, por que a finalidade é estética?

(...) de que maneira, por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como campo moral? Por que esse cuidado ético? Por que esse cuidado ético tão insistente, apesar de variável em suas formas e em sua intensidade? Por que essa ‘problematização’? (...) (FOUCAULT, 1984, p. 14)

Ele não pretendeu analisar comportamentos, nem ideais, sociedades e suas ideologias, mas as “problematizações” através das quais o indivíduo se dá como podendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam. A atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através das práticas de si, e com isso se coloca em jogo os critérios de uma estética da existência. O indivíduo pode dominar-se, transformar-se na relação consigo mesmo, independente de prescrições. O regime é de uma “arte de viver”, onde se evita o desperdício e requer cuidado para evitar a morte. Os prazeres que provém da atividade sexual são resultante do jogo entre vida e morte, sendo o campo para a formação ética do sujeito. Em *O Uso dos prazeres*, ele deixa claro que

(...) a exigência de austeridade implicada pela constituição desse sujeito senhor de si mesmo, que não se apresenta sob a forma de uma lei universal, à qual todos e cada um deveriam se submeter; mas, antes de tudo, como um princípio de estilização da conduta para aqueles que querem dar à sua existência a forma mais bela e melhor realizada possível.(FOUCAULT, 1984, p.218)

Portanto, nem interdições, nem leis universais, mas sim, uma estética da existência daria a forma bela à vida.

CULTURA ROMANA NO SÉC. I e II d.C – “IDADE DO OURO DO CUIDADO DE SI- A ASCESE

Na cultura romana do séc. I e II d.C “ idade de ouro do cuidado de si”, a ascese é o modo para o sujeito se autoconstituir.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

A autoconstituição do sujeito moral na ética romana teve os mesmos elementos da ética grega clássica, mas observa-se deslocamentos. O domínio de si, e o trabalho sobre a alma eram exercícios de autodomínio, muito mais difíceis e austeros. Neste novo tipo de relacionamento consigo na ética romana, Foucault destacou os temas da relação conjugal e do jogo político, para mostrar as novas problematizações. O casamento, por exemplo, era valorizado tornando-se, por um lado, assunto público com medidas legislativas e por outro, assunto privado que envolvia estilo de vida com vínculo pessoal, com acordo de deveres e obrigações compartilhadas livremente.

A questão do conhecimento e da verdade tornou-se mais importante no trabalho que era preciso realizar sobre si mesmo. A experiência moral tinha um estilo mais rigoroso, que instituiu uma cultura de si intensa sem intervenção da política, sem os critérios de uma estética da existência, mas de princípios gerais do *logos*. O indivíduo se autoconstituía dominando-se como ser racional, ligado a outros indivíduos igualmente racionais, estabelecendo relações intersubjetivas recíprocas.

Isto implicava uma nova configuração da relação consigo, uma ética do cuidado de si referida a princípios universais. Era uma nova arte de viver, com domínio rigoroso do desejo, uma economia voltada para a escassez e a anulação do prazer como objetivo.

A temática da “relação consigo” foi abordada por Foucault em vários textos, pois a obra *Confissões da carne*, que seria o quarto volume da *História da Sexualidade*, e trataria desse tema, não foi publicada.

ANULAÇÃO DE SI, NA PROCURA DA VERDADE SOBRE SI: SÉCULOS IV E V

As mudanças ocorridas entre os séculos IV e V sinalizavam para uma anulação do si, apontavam o surgimento do sujeito de desejo e de uma nova tecnologia de produção da verdade. O processo de subjetivação era entendido como um processo de procura da verdade sobre si, que se constituía pela obediência e pela confissão ao outro, e que acabou por inspirar a própria destruição do si. Era uma renúncia de si que decorria do quanto se descobria de si mesmo. Foucault considerava um paradoxo o cuidado de si que levava, ao mesmo tempo, à auto-renúncia.

Para Foucault, o conceito de *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”), é a fórmula que está na base da questão da relação entre sujeito e verdade. Foucault levantou a questão do valor atribuído ao “conhece-te a ti mesmo” e a desvalorização da noção de “cuidar de si mesmo”. A noção de *epimeléia heautoû*² esteve presente em diferentes formas e práticas filosóficas ou espirituais, com formulações de caráter positivo e moral como “ocupar-se de si mesmo”, ou “cuidar de si”, etc. Paradoxalmente, a partir desta noção, também se desenvolveram morais austeras, nos primeiros séculos antes da era cristã, que reapareceram na moral cristã e no mundo moderno. No entanto as regras rígidas encontradas nos códigos foram sendo modificadas no

² Inquietar-se consigo ou *epimeléia heautoû* é um princípio fundamental que caracterizou, ao longo da antiguidade grega e romana, a atitude filosófica, como uma atitude racional. Matriz da noção de vida ascética para o cristianismo

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

contexto de uma ética do egoísmo, seja no renunciar a si mesmo do cristianismo, seja na obrigação com a coletividade da moral moderna.

Segundo Foucault, os paradoxos citados podem ter sido uma das causas para que a noção de “ocupar-se de si” fosse desqualificada, desvalorizada, até desaparecer. Porém, levantou outra hipótese: o que convencionou chamar de “momento cartesiano”.

O MOMENTO CARTESIANO

No procedimento cartesiano descrito nas *Meditações*³ dois pontos marcaram a requalificação filosófica do *gnôthi seautón*⁴, e a desqualificação do *epimeleia heautou*. Foucault lembrou da noção cartesiana de evidência, a qual é própria da consciência e do autoconhecimento como verdade do ser. O *gnôthi seautón* passou a ser procedimento filosófico, enquanto que o cuidado consigo mesmo acabou sendo excluído da “filosofia” moderna.

Foucault fez uma relação entre filosofia e espiritualidade, mostrando que, no Ocidente, a espiritualidade dizia respeito à idéia do sujeito, que tal como é não pode ter acesso à verdade, pois precisa se transformar; a transformação acontece num movimento de ascensão, em que o sujeito sai de sua condição atual, e por iluminação, e também por ascese (*askesis*), ou seja, por um trabalho de elaboração de si mesmo, passa a ter a condição de ter acesso à verdade. A ascese é uma forma de equipar-se, uma transformação experimentada pelo sujeito para alcançar outra forma de ser. Através das práticas ascéticas de si o sujeito se constituía como sujeito ético. É importante lembrar que a ascese era uma “experiência modificadora de si no jogo da verdade” imprescindível para a autoconstituição (FOUCAULT, 1984, p.13).

O enunciado do cuidado de si foi pontuado fundamentalmente como a experiência ética no mundo greco – romano. A *askesis* foi considerada uma prática da verdade. Ora, se a filosofia pode ser entendida como uma forma de pensamento que interroga sobre como ter acesso à verdade, então a espiritualidade poderia ser a forma de transformar a si mesmo para ter acesso à verdade.

Séculos depois, na idade clássica e moderna, quando o acesso à verdade se dará apenas pelo conhecimento, e do sujeito não se exige mais nada, apenas a busca da verdade, as condições não serão mais as da espiritualidade, mas sim condições formais do método. A partir do “momento cartesiano”, o acesso à verdade passa a ter outras condições, entre elas que o sujeito não seja louco, pois a loucura é excluída e aparece como impossibilidade para o acesso à verdade. Algumas são condições intrínsecas ao conhecimento e outras extrínsecas ao ato de conhecimento. Portanto o sujeito não será mais posto em questão, ou seja, o acesso à verdade não significa recompensa e o conhecimento não é mais salvação para o sujeito.

² DESCARTES, *Méditations*, 1, Oeuvres, Pléiade, p. 268. Obra consultada: DESCARTES, R. *Obras escolhidas*. Trad. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Difusão Européia, 1962.

³ *Gnôthi seautón* ou “conhece-te a ti mesmo”.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

A EVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS DE SI - A NORMALIZAÇÃO DO SUJEITO MODERNO

Em 1982, foi realizado um seminário sobre as “*Tecnologias de si*”, na Universidade de Vermont (Canadá). Ali, Foucault descreveu a evolução das técnicas de si, dizendo que hoje se vê diferente: “Para os gregos, esse preceito do ‘cuidado de si’ configura um dos grandes princípios das cidades, uma das grandes regras de conduta da vida social e pessoal, um dos fundamentos da arte de viver. É uma noção que, hoje em dia, perdeu sua força e é obscura”. (FOUCAULT, 1994 c, p.786) Foucault argumentou dizendo que, quando se pergunta sobre o princípio moral da Antiguidade, a resposta é “o conhecer-te a ti mesmo” e não “tome conta de você mesmo”. Ora, o “conhecer-te a ti mesmo” é um conselho técnico a ser observado para consultar o oráculo, que chama atenção sobre a natureza da consulta.

O princípio délfico não é uma máxima abstrata em relação à vida; é um conselho técnico (...). É uma regra prática que entre os gregos e romanos esteve associado ao princípio do cuidado de si, prestar atenção em si. “E é essa necessidade de tomar conta de si que torna possível a aplicação de máxima délfica. (FOUCAULT, 1994 c, p.786)

Segundo Foucault, o princípio délfico está subordinado ao cuidado de si, pois existem diferentes formas de cuidado e, portanto, diferentes formas de si.

O que aconteceu foi uma inversão na ordem dos princípios do “cuidado de si mesmo” e “conhecer-te a ti mesmo”. “Na cultura greco-romana, o conhecimento de si aparece como consequência do cuidado de si. No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental”. (FOUCAULT, 1994 c, p.786) Os deslocamentos da subjetividade, os acontecimentos sociais e políticos foram dando ao “cuidado,” maior ou menor visibilidade a esse aspecto da experiência humana.

O “cuidado de si” não desapareceu com o cristianismo, mas se modificou, se mostrando nas técnicas de si, e nas formas como estas técnicas foram se produzindo na atualidade ética.

O sujeito moderno constituiu-se a partir da normalização objetivada em diferentes práticas, como a educativa, a médica, a psicológica, entre outras e, portanto sem a experiência da relação consigo, sem o cuidado ético-estético.

Em entrevista dada a Martain, em Vermont, dizia Foucault que, através da normalização efetivada pelas diferentes práticas, o humanismo, é um modelo de humanidade que tem tomado forma e se passa por universal. Esse modelo serviu para marxistas, liberais, nazistas e católicos. Segundo ele, o que assusta no humanismo “(...) é que ele apresenta certa forma de nossa ética como modelo universal não importando qual modelo de liberdade. (FOUCAULT, 1994d, p.782) E completa, dizendo de outras liberdades possíveis para além do que nos deixa imaginar o humanismo. “(...) nosso futuro comporta mais segredos, mais liberdades possíveis e mais invenções do que nos deixa imaginar o humanismo, na representação dogmática que se tem dado aos diferentes componentes do espectro político: à esquerda, o centro e a direita.”. (FOUCAULT, 1994d, p.782). Perguntado se é isto que ele está sugerindo nas “técnicas de si”, ele responde afirmativamente. As técnicas de si, segundo Foucault são as práticas,

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

(...) que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre os corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade. (FOUCAULT, 1994, p.785)

Entendidas como ascese, as tecnologias de si têm uma tarefa constante de auto-superação do sujeito, criando uma relação satisfatória consigo, construindo a autonomia, dotando-se da capacidade de resistência, como alternativa diante do poder moderno.

Para Foucault, a ascese é um trabalho cuidadoso do indivíduo sobre si, orientado para resistir o poder subjetivante. Porém, ele não define e não distingue mais precisamente os conceitos de ascese, tecnologia de si, auto-subjetivação, desprendimento de si. Seu interesse é o estudo de diferentes práticas (ascese) para a busca de uma determinada relação consigo, e para o sujeito fazer resistência ao poder disciplinar. Como exemplo de prática ascética, na introdução ao *O uso dos prazeres*, Foucault apresenta uma noção de filosofia influenciada pelo trabalho de Pierre Hadot, com a reabilitação da filosofia como ascese e forma de existência.

Em *Exercices spirituels et philosophie antique* (Exercícios espirituais e filosofia antiga), Hadot salienta a filosofia como exercício espiritual, noção esta encontrada nas escolas filosóficas desde os platônicos até os estoicos. A filosofia como exercício espiritual (*askesis*) tem por objetivo formar a alma dos alunos. É um exercício de transformação do modo de pensar e de ser, que supera a individualidade e transcende o eu a uma perspectiva cósmica e universal da mãe natureza, superando as paixões.

A ascese é uma tarefa constante de auto-superação do sujeito, uma experimentação consigo próprio em devir. Então, a filosofia seria uma experiência modificadora de si, uma experiência do pensar a própria história para saber como podemos ser de outra forma, como pensar de outro modo. Uma experiência modificadora de si, como processo criativo de fazer da vida uma obra de arte.

Na Antigüidade, a vontade de ser um sujeito moral e a busca de uma ética da existência significava a afirmação da própria liberdade, e a tentativa de dar a sua vida uma forma, na qual podia se reconhecer e ser reconhecido por outros. No cristianismo, com o princípio da obediência, a moral assume a forma de um código de regras. O cristianismo inaugurou uma outra experiência ética, uma outra concepção de subjetividade cuja base seria a renúncia. A experiência ética cristã passa a ser a experiência verticalizada entre o mundo dos homens e o mundo celeste. A constituição da subjetividade, portanto, depende da renúncia do mundo terreno e estaria referida ao mundo da transcendência, mas concebida como interioridade e consciência de si.

Passou-se de uma moral que buscava uma ética pessoal à uma moral de obediência de um sistema de regras. Porém, para Foucault, “a idéia de uma moral como obediência a um código de regras está em processo, presentemente, de desaparecimento; já desapareceu. E a essa ausência de moral, responde, deve responder uma busca de uma estética da existência.” (FOUCAULT, 1994, p.732)

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

QUE TIPO DE ÉTICA PODEMOS CONSTRUIR? POR UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA...

Perguntado sobre que tipo de ética podemos construir, Foucault respondeu que teríamos que criar a nós mesmos como obra de arte, com a questão se a vida de cada pessoa não poderia se tornar uma obra de arte.

Ele se disse impressionado pelo fato de que em nossa sociedade, a arte seja relacionada aos objetos e não aos indivíduos, ou à vida.

Foucault tentou mostrar que estamos nos modificando para alguma coisa que não sabemos ainda o que é. Na discussão atual sobre uma nova estilística da existência, a ascese deve ter um importante papel para que cada indivíduo constitua a sua própria ética, num caminho de criar novas formas de vida, sem a normatização de um modo de existência.

Para compreender uma estética da existência é preciso ter coragem, deslocar-se, não permanecer o mesmo. Temos que conseguir pensar o que está aí, mas invisível, para pensar o que não se pensava antes. Teoricamente é necessário romper com a ideia que o indivíduo nos é dado, para ao contrário pensar que precisamos criar a nós mesmos.

Na aula de 6 de janeiro de 1982- primeira hora, transcrita na obra *La hermenéutica del sujeto: Curso em el Collège de France (1981-1982)*⁵, Foucault diz que a questão que tratará nas aulas daquele ano se refere ao modo histórico de tratar no Ocidente, as relações subjetividade/verdade. Tomou como ponto de partida a noção de "inquietud de si mismo", expressão esta, pela qual ele procurou traduzir a noção grega de *epimeleia heautou*, traduzida pelos latinos como *cura sui*.

Foucault disse ser um tanto paradoxal, bem como sofisticado tratar da relação sujeito/verdade a partir da noção da inquietude do si mesmo, pois, tradicionalmente esta noção está relacionada com o *gnóthi seauton* (conhece-te a ti mesmo). O preceito délfico do "Conhece-te a ti mesmo" seria a fórmula fundadora das questões relativas a relação sujeito/verdade.

A partir daí ele detém-se ao esclarecimento da noção de *epimeleia heautou*, objeto das aulas daquele ano. Esquemáticamente diz que *epimeleia heautou* é tema de uma atitude geral de considerar as coisas, que envolve o respeito a si mesmo, o respeito com os outros e o respeito com o mundo. É um modo determinado de olhar. É um olhar do exterior, um voltar-se do mundo, para si mesmo. Mas é também, um conjunto de ações, de práticas e técnicas para purificar-se, modificar-se, tornar-se ético no processo de subjetivação em função de uma estética da existência.

A escolha pessoal da forma de viver tornar-se ético na base de uma estética da existência se produz no âmbito das experiências, onde algumas escolhas são possíveis outras não. Não se trata, portanto de um esteticismo fantasioso. A base está justamente na crítica dos domínios de saber e dos dispositivos de poder que condicionam nossa experiência e delimitam as possibilidades da época, as quais não são necessárias, nem imutáveis, e mostram os lugares de transgressão possíveis.

⁵ FOUCAULT, M. *La hermenéutica del sujeto: Curso em el Collège de France (1981-1982)*. Trad. Horacio Pons, edição estabelecida por Frédéric Grós, sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A., 2002. Título original: *L'herméneutique du sujet. Cours au Collège de France. 1981-1982*. Seuil/Gallimard, 2001.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

A crítica de nossa época e do próprio eu, como um cuidado consigo, um inquietar-se, é ao mesmo tempo prática de si e deslocamento de limites, modo de experimentação de uma estética da existência.

Mesmo que se leve em conta estas considerações, é importante ter claro que Michel Foucault não fundamentou uma ética nova. O que encontramos em seus livros é o efeito que produzem na medida em que não definem o que devemos fazer.

ABSTRACT: *This article considers the problem of subject constitution drawing on Michel Foucault's thought and encompassing the privilege of Ethics in the inner process, linked to the aesthetic of existence. The study also points out that when the subject of desire has full control over himself or herself, develops an art of existing that is shaped by his/her self care. Nowadays, the individual who is constrained by the power of knowledge, which is designed by truth games and power mechanisms, would have means of making personal choices if he/she considered life as a work of art.*

KEYWORDS: *Ethic; Aesthetic of the existence; self care.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês.Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: EDUFPR, 2000.

DESCARTES, R. *Obras escolhidas*. Trad. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo, Difusão Européia, 1962.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

ESCOBAR, Carlos Henrique. (org) *Michel Foucault, 1926-1984. O dossier: últimas entrevistas*. Trad. Ana Maria A. de Lima e Maria G.R. da Silva. Rio de Janeiro, Taurus, 1984.

FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres. *História da sexualidade*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1984. v. II.

_____. O cuidado de si. *História da sexualidade*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1985. v. III.

_____. *Dits et écrit*. Paris, Gallimard, 1994a. v. III.

_____. *Dits et écrit*, Paris, Gallimard, 1994b. v. IV.

_____. Les techniques de soi. *In: Dits et Écrits*. Paris, Gallimard, 1994 c. v. IV. p. 783-813.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007

_____. Vérite, pouvoir et soi. In: *Dits et écrit*. Paris, Gallimard, 1994 d. vol. IV. p. 777-783.

_____. À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours. In: *Dits et écrit*. Paris, Gallimard, 1994e. vol. IV. p. 609-631.

_____. Usage des plaisirs et techniques de soi. In: *Dits et écrit*, Paris, Gallimard, 1994 f. vol. IV. p.539-562.

_____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000. vol. II. (Coleção Ditos e Escritos)

_____. *La hermenéutica del sujeto: Curso em el Collège de France (1981-1982)*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires, Fondo de Cultura Econômica de Argentina, S.A., 2002. Título original: L'herméneutique du sujet. Cour au Collège de France. 1981-1982. Seuil/Gallimard, 2001.

MUCHAIL, Salma.Tannus. A trajetória de Michel Foucault. In: *Extensão – Cadernos da pro-reitoria de extensão da PUC-MG*. Minas Gerais, v.a, n.1, p. 7-14, março, 1991.

_____. Sobre o conceito de genealogia em Michael Foucault. In: *Anais do CONGRESSO NACIONAL DE FILOSOFIA*. Curitiba, PUC-PR, 2000.

SOUZA, Sandra. *A ética de Michel Foucault: a verdade, o sujeito, a experiência*. Belém, Cejup, 2000.